

O Castro da Curalha

10.^a Campanha de escavações (Chaves)

POR

Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior *

Prof. catedrático jubil. da F. C. Univ. do Porto
Presidente da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol.
Bolseiro do Inst. Nac. de Investigação Científica

e

Adérito Medeiros Freitas **

Licenciado em Ciências Geológicas da F. C. U. P.
Professor efectivo do Liceu de Guimarães
Sócio da Soc. Portuguesa de Antrop. e Etnologia

Há mais de 30 anos que um de nós (J. R. S. J.) trabalha em escavações de castros de Trás-os-Montes. Em todos eles, como aliás em todos os castros de qualquer outra região, o mato que cresce viçoso dum ano para outro, é sempre motivo de trabalho no corte e arranque do mesmo.

Comecei há 3 anos no Castro de Carvalhelhos, a ensaiar o ataque ao mato, — ervavam, arbustos e até pequenas e tenras árvores (p. ex. tufos de carvalho) — com pesticidas.

Em Carvalhelhos empregamos os pesticidas seguintes: o herbicida *Roundup* e o *arbusticida Mouticida*.

A aplicação feita em diluição conveniente e na quadra própria deu em Carvalhelhos, resultados concretos, pois o

* Quinta da Caverneira — Aguas Santas — 4445 Ermesinde.

** Rua Saraiva Brandão, 260 8.º-Dto. — 4800 Guimarães.

mato, na sua quase totalidade, secou. Nos tufos mais espessos, sobretudo de carqueja, deve-se insistir com a palverização, um pouco mais do que nas plantas amplamente folhosas.

Dum modo geral os resultados têm sido, se não inteiramente bons, pelo menos razoáveis, o que me anima e continuar os ensaios até apurar as diluições ótimas.

Resolvi neste ano de 1984 fazer o 1.º ensaio no Castro da Curalha.

TAREFA EM JULHO DE 1984 POR J. R. S. J.

Abalamos do Porto em automóvel próprio no dia 8 de Julho, domingo, eram 8 horas e 45 minutos.

Chegamos a Chaves à meia tarde.

Apesar de ser domingo, foi possível o encontro à boca da noite com o Sr. João Baptista Martins, vereador do pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Chaves, pois nessa noite, no salão nobre da Câmara, o Prof. Herculano Saraiva ia fazer a conferência *Camões seria trasmontano?*, a que assisti.

Ficou combinado que no dia seguinte, segunda-feira, o Sr. J. B. Martins mandaria pôr dois bidões de 200 litros no Castro.

No dia 9 os bidões com a água chegaram ao Castro ao fim da manhã e foram postos a poucos metros da muralha cimeira.

A colaboração e ajuda prestada pelo Dr. João Baptista Martins aos trabalhos no Castro da Curalha, tem sido sempre pronta e eficiente, pelo que, mais uma vez, reconhecidamente se agradece. Agradecimentos são também devidos ao Sr. Eng. Branco Teixeira, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Chaves. Com a dedicação dos colaboradores, especialmente do Dr. Adérito Medeiros Freitas, e com a ajuda de valiosos subsídios concedidos, tem-se feito como que a ressurreição do Castro. De grandes montões caóticos de milhares e milhares de pedras, que o mato espesso em grande parte só parcial-

mente destapava, com muito trabalho e dedicação, refizeram-se grandes pedaços da muralha cimeira, descobriu-se a 2.^a muralha que foi quase totalmente refeita, encontrou-se a 3.^a muralha, e o número de casas até à data assinaladas na Curalha sobe a 24, das quais apenas 6 estão isoladas e 18 em grupos, com as casas de cada grupo pegadas e de paredes meias.

É de crer que quando se puder prospectar cuidadosamente a faixa intramuralha a sul do pinheiro manso se venham a descobrir mais casas.

Tinha pedido (J.R.S.J.) ao Sr. João Baptista Martins, para conseguir um ou dois pulverizadores para a aplicação dos pesticidas.

Não lhe foi possível consegui-los por ser quadra da sulfatação das videiras.

Porém o Presidente da Junta da Freguesia local conseguiu um atomizador com que se trabalhou.

Parece que há vantagem em fazer o serviço com pulverizador. No entanto, em Carvalhelhos as aplicações dos pesticidas foram feitas com o atomizador da Empresa das Águas de Carvalhelhos que no-lo tem cedido, bem como um dos seus empregados para com ele aplicar os pesticidas, e resultaram.

A dificuldade em conseguir pessoal jornaleiro mantem-se.

Valeu-nos um estudante que, sob a orientação directa do meu colaborador Norberto Santos, meu filho, nos dois dias de 9 e 10 despejou umas dezenas largas de atomizadores, com a ajuda do meu filho que pôs o atomizador às costas, especialmente num primeiro ensaio, a mostrar a maior ou menor demora do borrifado, consoante o maior ou menor espessamento do tufo herbáceo ou arbustivo e a aplicação baixa do jacto.

Na tarde do dia 9 tivemos a visita de uma gentil senhora que caminhava vagarosamente pelo reduto cimeiro, parando aqui e ali para mirar atentamente as particularidades que mais a imprecionavam.

Aproximei-me e propuz-me desempenhar o papel de guia. Soube então que era a Senhora Eng.^a D. Maria Eugénia Branco Teixeira, que estava à frente da Administração Florestal de Chaves.

Na troca de impressões fiz sentir a dificuldade em conseguir pessoal jornalheiro, sobretudo para arrumar muitas pedras que, em camada quase contínua, cobriam especialmente a faixa a sul do pinheiro manso.

A senhora engenheira, que manifestou um grande interesse pelo que viu, prontificou-se a mandar no dia seguinte 7 homens para cortar uns espinheiros e alguns carvalhos, remover as muitas pedras espalhadas por todo o chão, e arrumá-las consoante eu indicasse.

Fiquei gratamente surpreendido com a oferta que acabara de me fazer e muito reconhecidamente lhe agradeço tão gentil propósito.

No dia seguinte, tinha eu chegado ao castro havia cerca de meia hora, chegou pelas 8 horas uma camionete com os 7 homens prometidos na véspera.

Trabalharam toda a manhã e de tarde até às 17 horas.

Prestaram bom serviço e deram grande adiantamento ao arrumar das pedras, muitas delas acavalgadas sobre outras mais ou menos enterradas, que desenterraram à picareta.

Ficou a faixa a sul do pinheiro manso na maior parte limpa de pedras soltas.

As muitas pedras, que ainda tapavam as paredes e o miolo da casa que descobri na campanha do ano passado e fica cerca de 20 metros a sul do pinheiro manso, foram em parte desviadas e arrumadas ao lado, para a possível reconstituição das paredes. Ao remover as pedras amontoadas no meio da casa começou a aparecer cerâmica muito fragmentada, pelo que mandei parar aquele serviço e seguirem para diante.

Em próxima campanha está destinado escavar cuidadosamente o miolo daquela casa com toda a terra passada a crivo ou à ciranda.

Na tarde do dia 9 iniciou-se a pulverização pela faixa intramuralha a norte do pinheiro manso onde predominava a ervagem.

No dia seguinte, como os 7 homens iam trabalhar na faixa a sul do pinheiro manso, ficou aquela faixa por pulverizar; por isso a pulverização fez-se na metade norte e poente poente do recinto cimeiro e na faixa extramuralha no topo leste e no lado norte, numa largura de 12 a 15 metros e no comprimento de 54 metros entre as portas do lado leste e a do lado norte.

Neste dia 10 de Julho já passava das 20 horas quando se despejou o último atomizador.

Não tive ensejo de voltar à Curalha mas o dedicado companheiro Dr. Adérito Medeiros Freitas, que ali trabalhou no mês de Setembro, informou que as plantas da área pulverizada tinham secado.

Em Outubro de 1984 não pude fazer a habitual campanha que, quase todos os anos, tenho feito, visando especialmente e descoberta de casas, quase todas reduzidas a escassos restos das suas paredes; nem sempre facilmente assinaláveis.

Depois de assinalada a 3.^a muralha descoberta na campanha de 1984 pelo Dr. Adérito Medeiros Freitas, e parcialmente refeita com as pedras que dela foram derruídas, poderá passar-se à fase de escavações sistemáticas.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Novembro de 1984

TAREFA EM SETEMBRO DE 1984 POR A. M. F.

Quando recordamos o aspecto do *Castro da Curalha* na nossa primeira acção ali desenvolvida (Agosto de 1974) e o comparamos com o aspecto actual, sentimos que a nossa acção em dez anos de actividade, não foi trabalho em vão.

Efectivamente, ano após ano, o *Castro da Curalha* vai tomando forma, revelando a sua primitiva extensão e estrutura. Hipóteses aparentemente bem fundamentadas vão sendo postas de parte ou substituídas por outras no final de cada campanha.

O *Castro da Curalha* é, hoje, um monumento de inegável interesse cultural e turístico, como provam os inúmeros visitantes, nacionais e estrangeiros (espanhóis, franceses, alemães, suíços, etc), que durante os curtos períodos de cada campanha quase diariamente ali se deslocam. Alguns deles permanecem no *Castro* durante horas, observando e indagando sobre as estruturas que, ano após ano, vão sendo postas a descoberto: quando instalados em Chaves por alguns dias, repetem, por vezes, a sua visita, facto que evidencia o grande interesse que o *Castro da Curalha* neles despertou.

Como tem acontecido desde 1974, os trabalhos realizados no *Castro da Curalha* foram superiormente orientados pelo Prof. Doutor Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia que delegou, em mim, a responsabilidade desta campanha.

Tal como aconteceu nas últimas campanhas, o grupo de trabalho era constituído por 8 pessoas, contando comigo. Os restantes sete elementos, por ordem de antiguidade nos trabalhos da *Curalha*, foram os seguintes: *Luís Albino dos Santos Lemos* (6 campanhas), *António Jorge Medeiros Ribeiro* (5 campanhas), *José Manuel Machado Oliveira* (3 campanhas), *Luís Manuel Medeiros Ribeiro* (2 campanhas), *Manuel Pegarinhos Borges* (2 campanhas), *António Anastácio Afonso* (1 campanha) e *Daniel Baptista Machado* (1 campanha).

Os sete elementos do grupo trabalharam, em conjunto, 95 dias e um total de 760 horas. Cumpre-me aqui, salientar, o cuidado, o interesse e a qualidade do trabalho realizado por este grupo.

Todos eles naturais da freguesia de *Carracedo de Montenegro*, que dista de *Curalha* cerca de 30 quilómetros, foram

por mim transportados diariamente, num e noutro sentido, numa carrinha. O número de quilómetros percorridos todos os dias foi de, aproximadamente, 60, através de uma estrada em péssimo estado e que constituiu, como é natural, um grande sacrifício, não só pelo desgaste pessoal como e principalmente, pelo desgaste material que isso significou.

Trabalhos realizados.

1 — *Corte do mato.*

Ao iniciarmos cada campanha é esta a nossa primeira actividade, a qual se subdivide em duas fases distintas:

A primeira consiste na limpeza da área onde vai incidir o trabalho projectado, quer dentro quer fora das muralhas, onde já foram realizados trabalhos desde 1974. Todo o mato que cresceu durante este período de tempo (Setembro de 1983 a Setembro de 1984) foi cortado e, depois de seco, queimado. Entre as muitas espécies de plantas que vão crescendo ano após ano, predominam os carvalhos, giestas, silvas, pinheiros, fetos e várias gramíneas. Para a destruição destas últimas e também de arbustos o Prof. Doutor Santos Júnior aplicou, pela primeira vez no castro da Curalha *herbicida* e *arbusticida*, como se relata na tarefa que fez em 9 e 10 de Julho.

A segunda fase consistiu no corte do mato mais crescido (árvores e arbustos) pela primeira vez, desde que, em 1974, iniciámos os trabalhos no Castro da Curalha. Este corte foi feito, este ano ao longo da face externa da muralha cimeira, desde a direcção da porta de SW na muralha central, até à porta de E da mesma muralha, numa faixa que se estendeu até cerca de 2 metros para fora da 2.^a muralha. Este corte é sempre feito ao nível do solo; as raízes só são removidas quando as pedras caídas das muralhas e das casas são levantadas e repostas nos seus lugares; trata-se de um trabalho difícil e, por vezes, moroso.

2 — *Descoberta e restauro da 2.ª muralha* (continuação das campanhas de 1982 e 1983).

O conhecimento completo da estrutura, extensão e posição desta 2.ª muralha em relação à muralha central, foi o nosso principal objectivo nesta 10.ª *Campanha de Actividades*.

A primeira tarefa consistiu no corte de todo o mato, de modo a termos a descoberto toda a zona, com cerca de 100 m de comprimento, onde iam incidir, fundamentalmente, os nossos trabalhos.

A segunda tarefa, sempre mais difícil, foi a remoção das muitas toneladas de milhares de pedras de granito (algumas de grandes dimensões pesando centenas e, até, milhares de quilos), bem como grandes quantidades de terra a fim de encontrarmos a base da sua face externa. Este trabalho é sempre dificultado pela enorme quantidade de raízes de muitas espécies de plantas arbustivas e arbóreas, que se cruzam em todas as direcções, obrigando-nos à remoção de pedras que, sem a sua presença, não seria necessário.

Dada a inclinação do terreno e a grande espessura de pedras amontoadas em todo o espaço entre as duas muralhas (Fig. 2) só nos ocupámos, nesta 10.ª campanha, do alinhamento externo.

A base (alinhamento externo) desta 2.ª *muralha* ficou, no final desta campanha de actividades, totalmente conhecida, não sem que tivessem que ser vencidas algumas dificuldades, à custa de muito trabalho e persistência. Assim, enquanto que a S e SE o amontoado de pedras nos dava uma orientação quanto à sua possível posição, entre as portas E e N da muralha central todos os vestígios da sua presença tinham, praticamente, desaparecido (Fig. 10); é que esta zona, virada a N e para a povoação de Curalha, é a de mais fácil acesso e, compreende-se, aquela donde maiores quantidades de pedras foram retiradas das muralhas para a construção das casas, dos muros de vedação das propriedades e calcetamento das ruas daquela povoação.

No final desta campanha pudemos mais uma vez verificar que algumas hipóteses, por nós anteriormente formuladas, não estavam correctas. Assim, e ao contrário do que havíamos imaginado, esta segunda muralha envolve totalmente a muralha central (Fig. 1) e mede, na sua face externa, 325 metros, dos

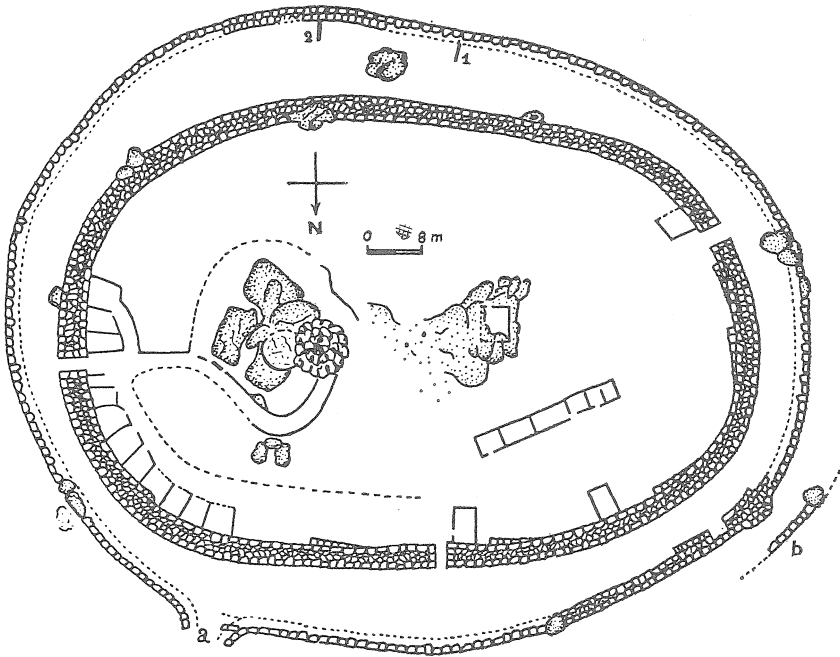


Fig. 1 — Planta do Castro da Curalha, no final da campanha de 1984, mostrando as posições relativas das 1.^a e 2.^a muralhas, da possível posição de uma porta nesta última (a) e de um pequeno troço da 3.^a muralha (b). 1 e 2, a S, são possivelmente, muros de casas.

Este desenho e os seguintes foram feitos por A. M. F.

quais: 50 metros foram parcialmente reconstruídos na campanha de 1982; 85 metros foram parcialmente reconstruídos na campanha de 1983; os restantes 100 metros foram parcialmente reconstruídos nesta campanha de 1984.

A medida que vamos prosseguindo com o trabalho de remoção das pedras a fim de conhecermos a posição da base da muralha, temos o cuidado de ir separando todas aquelas que, pelas suas características (uma face picada e mais ou

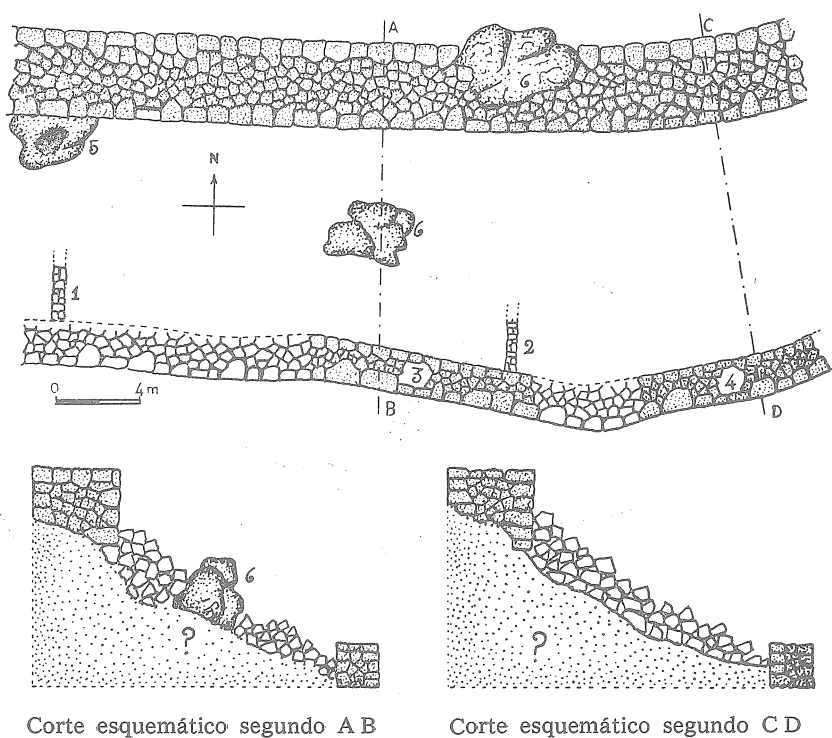


Fig. 2 — Troço das 1.^a e 2.^a muralhas, a Sul, mostrando: os muros (1 e 2) pertencentes, possivelmente, a duas casas; porções da 2.^a muralha, a ponteadado (3 e 4), nas quais já é conhecida a sua face interna; grandes blocos graníticos nas suas posições naturais (5 e 6).

menos plana) temos a certeza de terem pertencido a uma das suas faces. No entanto e como se compreende, eram estas as preferidas por quem ia às muralhas buscar o material de que tinha necessidade para as suas construções, não sendo de

admirar que sejam, estas, as menos frequentes, rareando mesmo nalgumas zonas, principalmente à superfície.

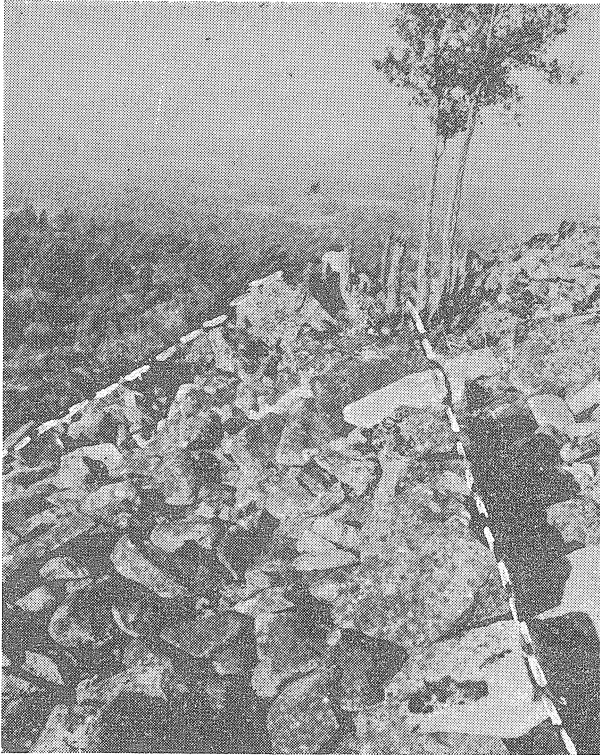


Fig. 3 — Porção da 2.^a muralha (troço 3 da fig. 2), com a indicação, a tracejado, dos seus limites interno e externo.

Esta fotografia e as seguintes foram tiradas por A. M. F.

Uma vez detectada a base da muralha (Figs. 5, 7 e 11) procedemos à sua reconstrução utilizando o material seleccionado; todo o material irregular quaisquer que sejam as suas dimensões, foi utilizado para enchimento, isto é, para o «miolo» da muralha.

A altura desta 2.^a muralha (face externa) atinge e ultrapassa mesmo, a NW, os 3 metros. O troço da muralha onde incidiram os trabalhos desta campanha foi elevado até uma altura máxima de 2,5 metros e mínima de 1,5 metros. Ao contrário do que admitimos ainda no final da campanha de



Fig. 4 — Trabalhos de reconstrução da 2.^a muralha (troço 3 da fig. 2). Na sua construção foram aproveitados grandes blocos graníticos nas suas posições naturais.

1983, a distância que separa as duas muralhas entre as portas SW e E, da muralha central é variável. Em frente à porta de SW a distância entre a face externa da muralha central e a face interna da 2.^a muralha é de, aproximadamente, 6,30 metros; caminhando para E essa distância vai aumentando até atingir um máximo de 11,60 metros; a partir daí, a distância entre as duas muralhas vai sucessivamente diminuindo para, em frente

da porta E da muralha central, ser, apenas, de 4,90 metros. Não é esta, no entanto, a distância mínima; entre as portas E e N da muralha central e a seis metros da primeira, a distância entre as duas é de 2,5 metros (Figs. 1 e 8) sendo esta, pois, a distância mínima. A partir daqui, aquela distância vai novamente aumentando e, a 32 metros da porta E é já de 7 metros; dá-se em seguida, um aumento brusco da referida distância,



Fig. 5—Base e face externa da 2.^a muralha, a SE (a seguir ao troço 4 da fig. 2). Em primeiro plano vemos grandes blocos de granito fazendo parte da muralha e que para ali foram transportados.

pelo facto da 2.^a muralha se curvar para fora e para N (Fig. 8) dando origem a uma saliência que julgamos corresponder a uma porta e que será, a verificar-se esta hipótese, a primeira, por nós encontrada e, segundo tudo leva a crer, a única, nesta 2.^a muralha; a seguir a esta possível porta, a distância entre as duas muralhas continua a aumentar para atingir, em frente à porta N, um valor aproximado de 10,5 metros.

A S, na zona onde as duas muralhas atingem o máximo de afastamento, descobrimos dois muros (1 e 2 das Figs. 1 e 2) entestados na face interna da 2.^a muralha, que admitimos pertencerem a duas casas rectangulares, semelhantes a todas as outras que já foram postas a descoberto; têm uma espessura de 60 cm e foram postos a descoberto numa extensão de, respectivamente, 2,5 e 2 metros.



Fig. 6—Aspecto do troço da 2.^a muralha, a SE, a que se refere a fig. 5, depois de ter sido reconstruída até uma altura de cerca de 2 metros.

Também nesta mesma zona foi possível delimitar dois troços desta 2.^a muralha (3 e 4 da Fig. 2) com, respectivamente, 10,4 e 8 1,0 metros de comprimento. Verificámos, nestes dois troços, que a largura desta 2.^a muralha (salvo as excepções já apontadas no relatório de 1982 e relacionadas com a necessidade de estruturas de defesa), se mantém igual a 2 metros,

tal como tínhamos verificado a N, NW e W nas campanhas de 1982 e 1983.



Fig. 7—Base da 2.^a muralha em frente à porta E da muralha central, depois de ter sido posta a descoberto. Foi necessário, aqui, remover grandes quantidades de pedras e de terra, trabalho muito dificultado pela presença de uma densa rede de raízes de plantas.

Grandes blocos de granito foram, aqui, utilizados na construção desta 2.^a muralha (Figs. 5 e 6). Nalguns troços foram aproveitados grandes blocos da mesma rocha na sua posição natural Fig. 5).

Devido à sua posição, voltada para S e com um acesso bastante mais difícil, as zonas SW,S e SE de Castro da Curalha

são aquelas onde se encontra, amontoada, a maior quantidade de pedras resultantes da destruição das muralhas e das casas. Elas enchem, totalmente, todo o espaço entre as duas muralhas, numa extensão de 150 metros e com uma espessura que admitimos atingir, nalguns sítios, mais de 2,5 metros de altura. Se atendermos que a maior parte destas pedras resultaram da muralha central, interrogamo-nos sobre a altura que aquela muralha devia ter na época da ocupação do Castro.

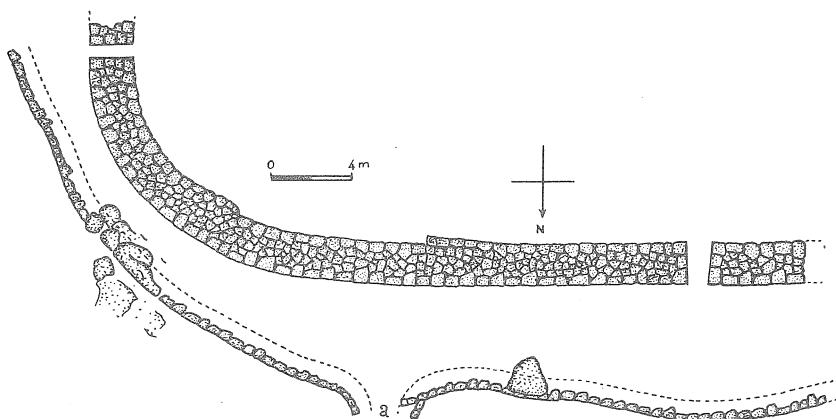


Fig. 8 — Posições relativas das 1.ª e 2.ª muralhas a N e NE, indicando a possível posição (a) de uma porta existente nesta última. A NE, a distância entre as duas muralhas atinge o seu valor mínimo (cerca de 2,5 m).

Espólio

Num simples trabalho de reposição de pedras nas muralhas, não era de esperar um espólio abundante e variado; e o trabalho de remoção de terra esteve limitado, apenas, a algumas zonas muito restritas.

No entanto, nos 15 dias úteis desta campanha de Setembro de 1984, foram encontrados:

1 — Junto da parede 2 (Fig. 2), 63 fragmentos de cerâmica, entre as rochas aí amontoados, caídas das casas e das

muralhas. Dada a sua cor e a espessura, julgámos pertencerem todos ao mesmo vaso pelo que admitimos, desde logo, a possibilidade de uma reconstrução quase total. Porém, uma análise mais cuidada dos fragmentos dos bordos mostrou-nos que, entre eles, existiam pelo menos três tipos de ornamentação em relevo, o que nos levou a abandonar, definitivamente, aquela hipótese (Figs. 12, 13 e 15).



Fig. 9 — Em último plano, um troço da muralha central, por nós totalmente reconstruído na campanha de 1981. O sulco que se vê em primeiro plano, indica a posição da base, posta a descoberto, da 2.^a muralha.

Os três fragmentos esquematizados na Fig. 15 (A, B e C) mostram as diferenças ornamentais apontadas:

Esquema A:

Fragmento do bordo de um vaso com, aproximadamente, 40 cm de diâmetro na boca. A espessura média é de 1,3 cm;

no bordo a espessura é de 2 cm. Tem cor cinzenta. Na sua matriz, essencialmente argilosa, nota-se a presença de pequeníssimas partículas de moscovite e grãos de quartzo, por vezes com alguns milímetros de diâmetro. 4 cm abaixo da base do



Fig. 10 — Em último plano, à direita, a muralha central (a NE). A saliência rochosa (A) é um bloco granítico na sua posição natural que fez parte (face externa) da 2.^a muralha. A tracejado indicamos a posição aproximada do limite externo da 2.^a muralha, antes de ter sido posta a descoberto e depois de termos cortado o mato.

anel do bordo, uma ornamentação em relevo, nitidamente diferente da existente nos fragmentos B e C. Este fragmento mede 24 cm de comprimento e 12 cm de largura (Fig. 12).

Esquema B:

Fragmento do bordo de um vaso com, aproximadamente, 40 cm de diâmetro na boca. A espessura varia entre 1,2 e

1,6 cm. Possui cor cinzenta e, na matriz, pequeníssimas palhetas de moscovite e algumas areias de quartzo. 4 cm abaixo da base do bordo, uma ornamentação em relevo que apresenta, relativamente aos outros dois fragmentos, uma diferença nítida, apesar de ser de mesmo tipo. Este fragmento mede 16,5 cm de comprimento 11 cm de largura.

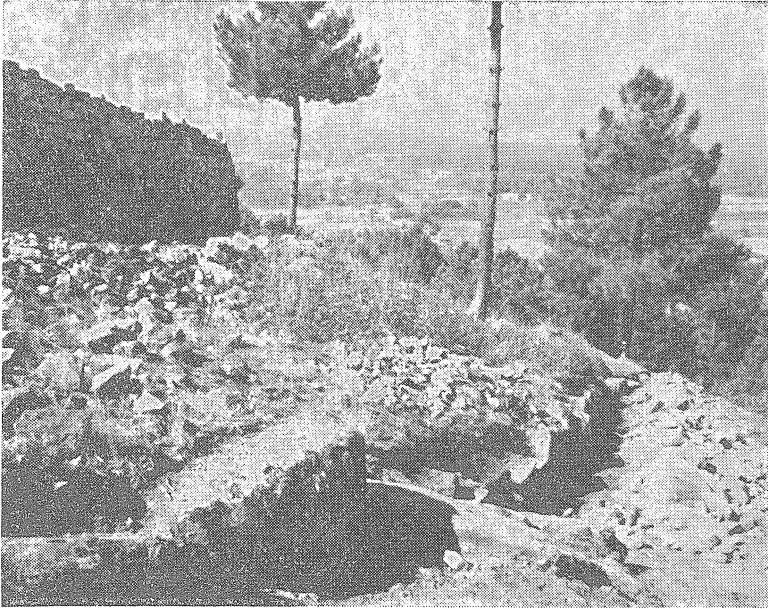


Fig. 11 — Um aspecto da zona (a NE) a que se refere a fig. 10, depois de termos posto a descoberto a base da 2.^a muralha. À esquerda, a muralha central.

Esquema C:

Fragmento do bordo de um vaso com 13 cm de comprimento e 11 cm de largura. Tal como os anteriores possui cor cinzenta e, na matriz argilosa, numerosas palhetas de moscovite e areias de quartzo, bem como um outro mineral

que parece ser um feldspato, possivelmente ortoclase. A ornamentação, abaixo do bordo, é do mesmo tipo da dos fragmentos anteriores, mas nitidamente diferente.

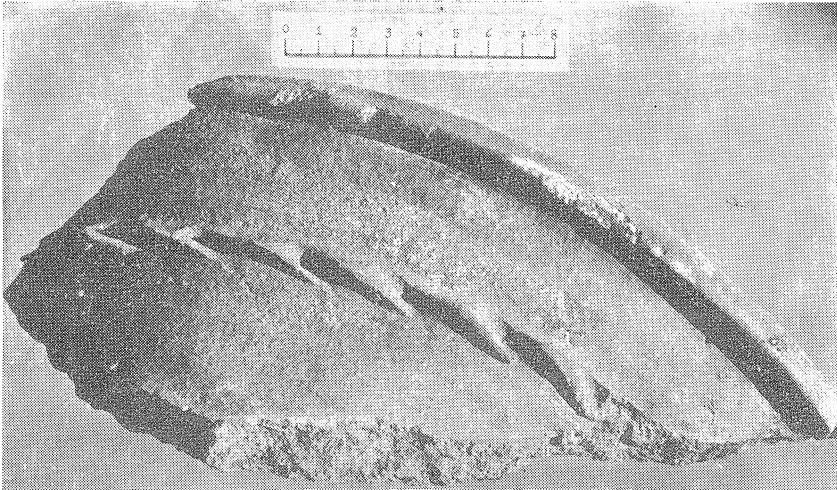


Fig. 12 — Fragmento de cerâmica com 24 cm de comprimento, 12 cm de largura e 1,3 cm de espessura média. Tem cor cinzento-clara (esquema A da fig. 15).

2 — Nos trabalhos de remoção de pedras e terra para pôr a descoberto da 2.^a muralha, encontrámos mais 40 fragmentos cerâmicos pertencentes a numerosos vasos, de menores dimensões que os anteriores. Destes fragmentos, 7 pertencem a bordos e 3 a fundos.

Os esquemas D, E, F e G da Fig. 16, mostram as características de quatro dos mais significativos destes fragmentos.

Esquema D:

Fragmento do bordo de um vaso que tem, na boca, um diâmetro de, aproximadamente, 26 cm. Parece ter pertencido a

um vaso de pequena profundidade (1). A sua cor é cinzento-escuro e na matriz, fina, podem detectar-se alguns (poucos) grãos de quartzo e pequeníssimas palhetas de moscovite. A sua espessura média é de 7 mm. Encontrámos deste vaso, três

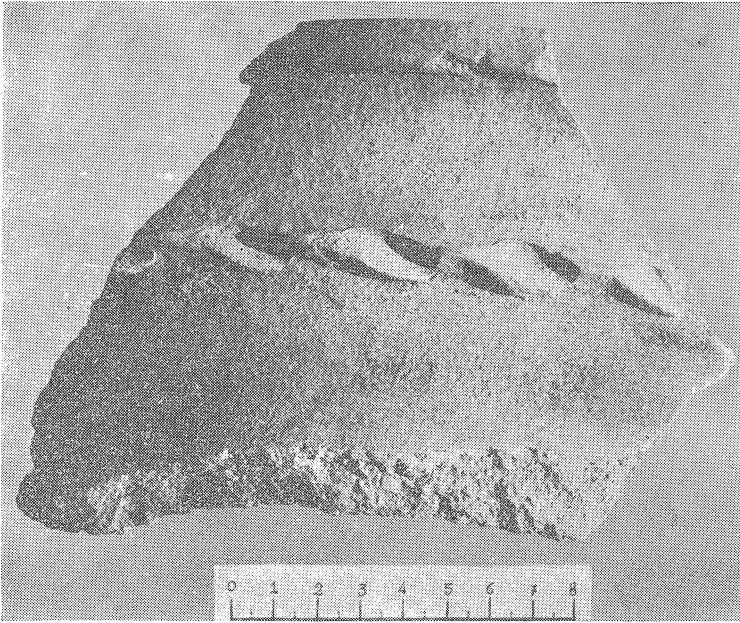


Fig. 13 — Fragmento de cerâmica com 16,5 cm de comprimento, 11 cm de largura 1,2 cm de espessura média (esquema B da fig. 15).

fragmentos do bordo com, respectivamente, 9 cm \times 7 cm, 10 cm \times 5,5 cm e 7,5 cm \times 4,5 cm. É possível que outros fragmentos (não de bordo) com idêntica cor e espessura, pertençam ao mesmo vaso. A 1,5 cm abaixo do bordo existe uma ornamentação em relevo, do mesmo tipo mas menos acentuada que a dos fragmentos da Fig. 15.

(1) Bordo apumado indica possivelmente vaso alto apumado.

Esquema E:

Fragmento do bordo de um vaso de cor cinzento-escuro, com matriz argilosa muito fina e algumas (poucas) palhetas de moscovite de pequenas dimensões, bem como alguns grãos de quartzo.

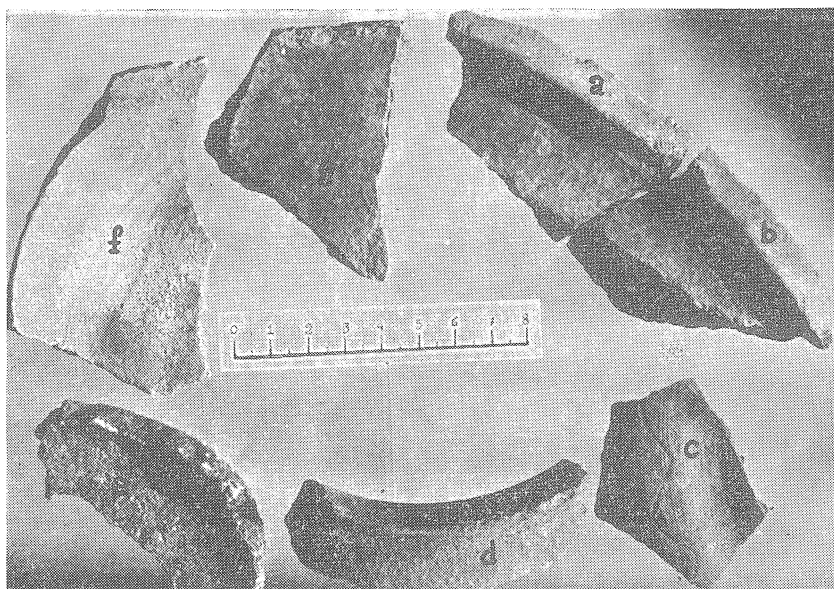


Fig. 14 — Sete fragmentos de cerâmica com cor e espessura diferentes, excepto os fragmentos *a* e *b*, por um lado, e *f* e *g* por outro, que se ajustam e pertencem, por isso, aos mesmos vasos.

O diâmetro da boca era de, aproximadamente, 10,5 cm. No bordo, a espessura máxima é de 8 mm e, lateralmente, apenas de 3 mm. Este fragmento mede 8 cm de comprimento e 3 cm de largura máxima. (Fig. 14 - a).

Esquema F:

Fragmento do fundo e porção lateral de um vaso, com um diâmetro aproximado (no fundo) de 11 cm. Tem cor cinzento-clara, com uma faixa estreita mais escura do lado externo,

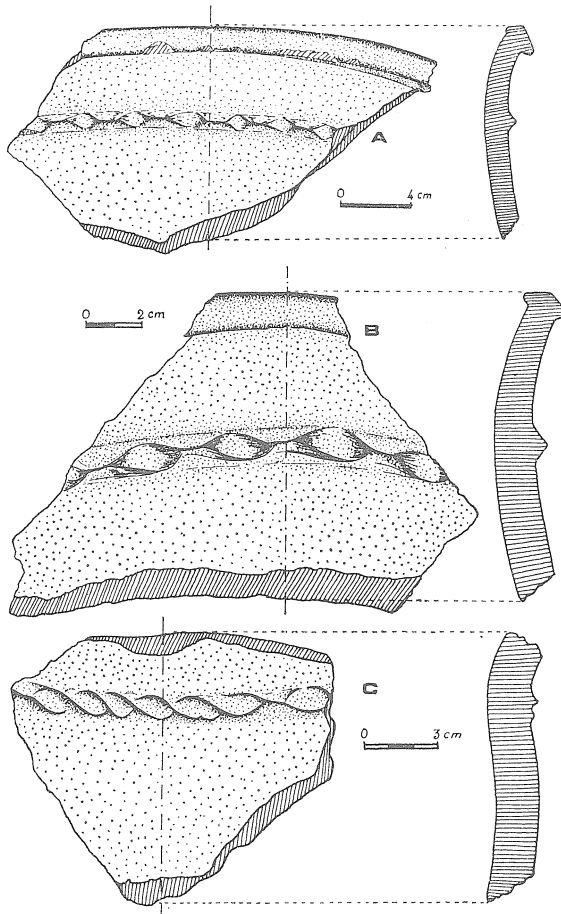


Fig. 15 — Três fragmentos de cerâmica com cor, espessura e constituição semelhantes, mas com ornamentação nitidamente diferente, embora do mesmo tipo.

possível resultado de um maior aquecimento durante o período de cozedura. Tal como nas fragmentos anteriores distinguem-se perfeitamente, à vista desarmada, palhetas de moscovite e alguns grãos de quartzo, dispersos numa matriz argilosa.

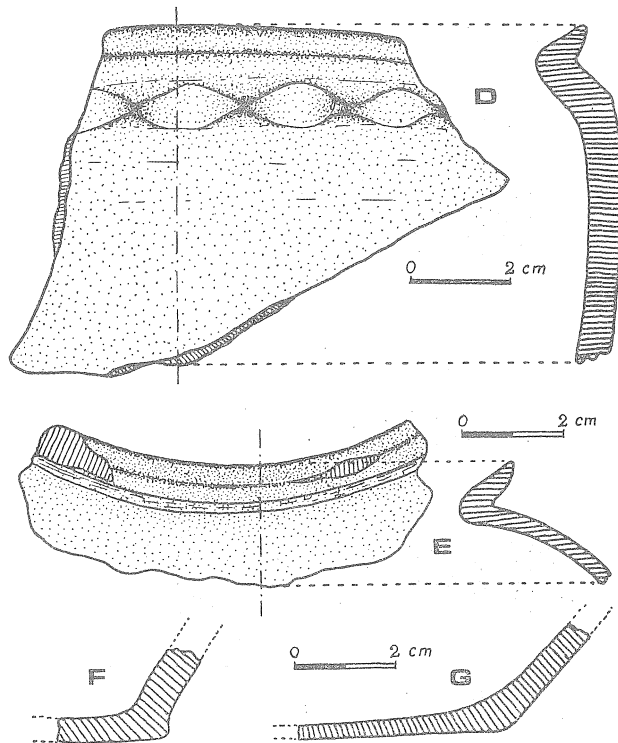


Fig. 16 — Quatro fragmentos de cerâmica correspondentes a dois bordos e dois fundos, com cor e espessura diferentes.

A espessura da parte lateral é de 8 mm e a mínima, no fundo, de 5 mm.

Este fragmento tem um comprimento de 7,5 cm e uma largura máxima de 3,5 cm. (Fig. 14 - e).

Esquema G:

Fragmento do fundo de um vaso e porção lateral com cor avermelhada e ao qual corresponde um diâmetro, (no fundo) de, aproximadamente, 13 cm. Tal como nos fragmentos anteriores identificam-se, à vista desarmada, pequeníssimas palhetas de moscovite e alguns grãos de quartzo disseminados numa matriz argilosa. A espessura média da parte lateral é de 5 mm e, no fundo, a espessura mínima é de 3 mm. A espessura máxima verifica-se na zona de transição da parte lateral para o fundo e é de 8 mm. Deste vaso foi encontrado um outro fragmento, que se ajusta perfeitamente a este e que mede 7 cm de comprimento por 5 cm de largura (Fig. 14 - f, g).

3 — Uma moeda de cobre, junto da porta E, possivelmente romana, mas de identificação impossível dado o seu estado de oxidação.

4 — Um pequeno fragmento de um tubo de chumbo.

5 — Um pequeno pedaço de escória de fundição.

Guimarães, 12 de Janeiro de 1985.